

DOSSIÊ TEMÁTICO
Infância e Educação

**MÚSICA E CULTURA INFANTIL: UMA BREVE
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA PARA
A EDUCAÇÃO INFANTIL**

*Ana Lúcia Castilhana de Araújo**

Resumo: Este trabalho procura relacionar questões relativas ao ensino de artes e música na Educação Infantil, e à compreensão de uma cultura da Educação Infantil a partir de algumas reflexões sobre a prática do ensino de artes para crianças pequenas. O objetivo foi organizar argumentos que reforcem a questão da necessidade de se investir na formação geral da criança pequena, partindo da contribuição que as artes têm para a criança, até chegar à possibilidade de se regularizar o seu ensino nas escolas e pré-escolas.

Palavras-chave: Educação infantil. Prática pedagógica. Artes. Educação musical. Cultura infantil.

* Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). E-mail: catilhano@yahoo.com.br

Este texto tem como objetivo levantar algumas questões a respeito da educação da criança de 0 a 6 anos nos aspectos culturais envolvidos neste processo, a partir de uma breve revisão bibliográfica na área de música e artes. O objetivo é organizar argumentos que reforcem a questão da necessidade de se investir na formação geral da criança pequena, partindo da contribuição que as artes têm para a criança, até chegar à possibilidade de se regularizar o seu ensino nas escolas e pré-escolas. A fim de falar sobre as artes na Educação Infantil, vou me utilizar, ora de textos e comentários específicos sobre música, ora sobre trabalhos e considerações sobre arte em geral. No entanto, há um veio comum entre ambos que é a formação cultural da criança.

A proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental organiza as Artes nos Documentos de Área, sendo colocados aí os conteúdos específicos de cada uma delas. A LDB¹ determina que “o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 1996).

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) recomenda o trabalho com a criança em uma perspectiva ampla. O documento considera a música como uma linguagem expressiva, juntamente com o movimento, a expressão cênica e as artes visuais. Esta linguagem é compreendida como um meio para o desenvolvimento infantil nos aspectos da expressão, do equilíbrio, auto-estima e auto-conhecimento, sendo importante, inclusive, para o trabalho com as crianças portadoras de necessidades especiais.

Monique Audries Nogueira (2000) realizou uma análise da discografia recomendada pelo RCNEI, elogiando a listagem publicada no documento. A autora indica algumas obras que foram deixadas de fora, e se detém nas obras que se aproximam do tema brincadeira. A partir daí, analisa detidamente as obras selecionadas, dando indicações sobre origem e contexto cultural no qual foi criada. Em suas conclusões,

¹ Lei de Diretrizes e Bases para a Educação, 9394/96, Art. 26, parágrafo 2º.

a autora chama a atenção para a necessidade de se investir na formação musical dos professores, nos cursos de pedagogia, uma vez que a simples aquisição de alguns títulos (no caso do uso do RCNEI como “receituário”) não resolve todas as questões do trabalho com música na Educação Infantil. São importantes: o investimento na formação dos profissionais assim como a compreensão do desenvolvimento musical da criança, momento em que a Educação Infantil poderia contribuir para a formação do ouvinte. A autora propõe um trabalho de formação musical dos professores nos cursos de pedagogia. Considerando a diferença entre a instrução musical que forma músicos e a educação musical, que forma pessoas apreciadoras de arte, antes de tudo, o sentido do trabalho com a música é o importante nesta situação, não sendo necessário que o professor tenha uma formação musical sólida como instrumentista, por exemplo.

A questão da valorização da cultura infantil como objetivo da educação tem sido ampliada nos últimos 20 anos, na medida em que cresce o número de trabalhos publicados com esta temática. Para Sônia Kramer, as crianças são seres históricos marcados pela sociedade onde vivem, com suas contradições.

Defendo uma concepção de criança que reconhece o que é específico da infância – a seu poder de imaginação, fantasia, criação – e entende as crianças como cidadãs, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem (KRAMER,2003).

A Educação Infantil tem a função de proporcionar à criança educação a partir do contato com um mundo de aprendizado de sua cultura, incluindo as letras e a arte. Neste sentido, vale a pena procurar compreender o universo infantil em uma ótica diferente da do adulto e da escola. Podemos considerar que um movimento interessante nessa direção foi o valor dado à brincadeira infantil nas produções acadêmicas em todo o mundo, em trabalhos de diversas correntes como a

culturalista francesa, antropológica, freinetiana, histórico-cultural, e assim por diante. Além disso, o incremento de propostas de pesquisa, com apoio na metodologia etnográfica, também aproxima o pesquisador das questões culturais envolvidas nas relações da criança com a educação, e alerta para a necessidade de a escola assumir uma posição que acate as diversas culturas da infância (QUINTEIRO, 2002).

Hasse (2004), em um levantamento de textos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped) sobre Educação Infantil, analisa o papel da infância expressa pelos autores do GT 7 (Educação da Criança de 0 a 6 anos). Para a autora, a infância é vista como heterogênea em seus vários aspectos, assim como a criança é entendida como um sujeito de direitos. Reconhecer a criança como sujeito de direitos implica percebê-la em sua história, como produtora de cultura, marcada pelo meio social no qual vive. Segundo a autora, as famílias são heterogêneas, e “as especificidades da faixa etária das crianças que freqüentam as instituições de educação infantil requerem que as mesmas sejam observadas, respeitadas e que tenham voz”. Neste sentido, concebe-se a criança como aquela que é marcada pela cultura na qual está inserida, mas que também produz cultura sob a forma de discursos, e entendimento da realidade.

Seguindo uma tendência de alguns autores para expor questões a respeito da cultura e da educação não formal de crianças, há trabalhos publicados tanto em educação, quanto em temas específicos como a educação musical. Estão se tornando comuns publicações que abordam as questões culturais de um ponto de vista que não privilegia o olhar hegemônico da cultura dominante, mas que tenta abrir espaços para outras linguagens, outras realidades, novas possibilidades. Estes trabalhos têm ajudado a compor um quadro em que se detecta a necessidade de ampliar os olhares, inclusive sobre as crianças e os diversos tipos de infância possíveis de serem relatados.²

² A respeito da historiografia da infância e da discussão sobre os conceitos de infância, ver Kuhlmann Jr. e Fernandes, 2004.

Nesta perspectiva, poderíamos citar o exemplo do multiculturalismo³ na educação, assunto trabalhado no texto de Vera Maria Candau (2002), no qual a autora, a partir das relações entre cultura, educação e sociedade brasileira, analisa os movimentos oficiais e cotidianos de inclusão e trabalho com as diferenças, tanto as culturais como aquelas relativas às necessidades especiais. Os movimentos sociais em sua luta pela garantia de direitos, o embate teórico e cotidiano entre a cultura do aluno e a cultura da escola, são alguns processos sociais desencadeantes do estudo do multiculturalismo. O estabelecimento de processos culturais que articulem igualdade e diferença, o reconhecimento do outro, são desafios tanto para acadêmicos como para professores em suas escolas.

Dentre os trabalhos mais específicos sobre cultura e educação musical, podemos citar o de Leda Mafiolletti (2001). O texto em questão trata dos fatores e aspectos da musicalidade no ser humano, chamando a atenção para a cultura, partindo de conteúdos específicos da espécie humana que fazem com que a música seja reconhecida ou compreendida. A autora mostra a discussão de diversos autores a respeito de linhas de pensamento sobre o conceito e papel da música nas diversas culturas. Ressalta a necessidade de se investir na educação musical das crianças, ao mesmo tempo em que mostra a importância que o conhecimento a respeito da produção e valorização da música tem para os estudiosos do assunto.

Beatriz Ilari (2002) publicou um texto cujo conteúdo é uma entrevista com o professor Francis Corpataux, educador que pesquisa a música infantil em diversas culturas. Seu interesse é a respeito do desenvolvimento musical das crianças em todo o mundo, ressaltando o que há de cultural e geral na música infantil. Faz parte de sua pesquisa a música espontânea ou tradicional pertencente à determinada cultura. Neste caso, fica em evidência a postura do pesquisador em ouvir outros

³ Campo de estudos que partiu de movimentos de afirmação das particularidades culturais e das diferenças. Vera Candau (2002) discute as diversas idéias alusivas ao termo, bem como as perspectivas de pesquisa que podem ser direcionadas na sociedade e nas escolas.

sons, investigar outras perspectivas, outros olhares, sem interferir ou estabelecer juízos a respeito do que acontecia em seus contatos com estas outras culturas. Esta é uma postura e uma metodologia bastante interessante para o trabalho com a criança pequena, não só na área de música, uma vez que todo o processo de aquisições culturais está por trás daquilo que todo o ser humano é.

Na área de música, a produção acadêmica traz avanços importantes para se compreender os processos culturais nas relações estabelecidas entre adulto e criança, mostrando um discurso que, além de procurar relacionar o aprendizado da música com o desenvolvimento do pensamento criativo, como exposto em Diaz (2001), apresenta um conjunto de justificativas para a sistematização do ensino de música nas escolas regulares por profissionais capacitados (NASCIMENTO, 2003). Na área da educação para a arte, há várias discussões a respeito de aulas de dança ou de música ministradas por profissionais ou por professores, levantando várias considerações sobre as particularidades do ensino da técnica e de formas de expressão corporais. Neste caso, considera-se a escola como formadora de um público de arte, mais do que como formadora de profissionais de arte (STRAZZACAPPA, 2001). Então, a idéia seria trabalhar em um sentido mais amplo, para além da técnica musical ou cênica, no âmbito da cultura e da estética.

A discussão a respeito dessa questão nos coloca frente a um problema vivido por qualquer educador que não faça parte das disciplinas tradicionalmente reconhecidas como fundamentais para a formação do aluno: português, matemática, ciências. No caso da Educação Infantil, estes conteúdos são privilegiados, inclusive, sob a forma de jogos, os conteúdos da matemática, e de língua materna, ficando as demais áreas do conhecimento em segundo plano (ALMEIDA, 2001). A arte, então, passaria a ter um caráter instrumental utilitário, reduzindo uma função que seria muito mais ampla.

Esta situação, no entanto, não é vivenciada em todas as instituições de Educação Infantil. Gilvânia Pontes e Marta Pernambuco (2000)

realizaram um histórico da creche da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) em Natal, de 1979 a 1998, incluindo a passagem pelas orientações do RCNEI. As autoras relatam experiências da creche na área de arte e mostram como a questão da dualidade entre a arte como expressão e como recurso de apoio a outros temas pode ser equacionada sem prejuízos do conceito e objetivo da arte. O projeto foi realizado com crianças de 2 a 4 anos, incluindo atividades de pintura, desenho livre, artes plásticas, dramatizações e artes cênicas. Neste caso, o papel da arte foi equacionado ao lado das demais áreas, em um processo de composição do currículo daquela instituição. É um exemplo de como a visão do todo pode oferecer alternativas aos educadores na Educação Infantil.

Casos em que o ensino de artes nas escolas é trabalhado de forma estreita, simplesmente amparando outras áreas, podem ser observados no uso da arte como instrumento didático para as demais áreas de conteúdo. O desenho pode servir para ilustrar os trabalhos de português, ciências, matemática. Isso mostra o caráter instrumental que as artes têm na opinião de muitos professores, conforme mostra o estudo de Célia Maria de Castro Almeida (2001). De acordo com a autora, “as artes são produções culturais que precisam ser conhecidas e compreendidas pelos alunos, já que é nas culturas que nos constituímos como sujeitos humanos”. Embora muitos autores mostrem a importância do aprendizado e contato da criança com a arte, há valorização da expressão da criança na educação, embora o discurso desmintam isso sob a forma de leis, como a 9394/96. De acordo com análise de Maura Penna (2001, p. 32), os documentos para a área da Arte configuram claramente uma orientação oficial para a prática pedagógica nas escolas, no entanto, mais uma vez percebe-se um descompasso entre o proposto e a realidade das escolas. A autora detectou em sua pesquisa realizada em João Pessoa um número muito maior de profissionais de artes plásticas do que de música, nas escolas. Neste aspecto, a autora adverte que os documentos oficiais podem levantar discussões, mas não resolver por si só o problema, neste

caso, a transformação da prática do ensino da arte. Assim, há dificuldade em se admitir na dinâmica dos currículos aquelas disciplinas ou matérias artísticas. Nesse processo de discussão e busca de adequação, há autores que concordam com as aulas de arte (seja arte em geral ou música ou teatro) ministradas por pedagogos ou profissionais com formação pedagógica. Outros pretendem um trabalho mais direcionado, com respeito às especificidades de cada arte.

De qualquer modo, é bom frisar que o ensino de música para as crianças pequenas é percebido por autores como Carl Orff e Hans Koellreuter e Murray Shaeffer, como um processo não de ensino da técnica musical, mas de educação musical, ponte para o desenvolvimento humano amplo amparado na sensibilidade que a arte musical pode oferecer. Há propostas para a educação musical que se encaixam na ideia de Educação Infantil de qualidade, como a desenvolvida por Teca Alencar de Brito (2003). Nas palavras da autora, trata-se de:

um trabalho pedagógico-musical que se pode realizar em contextos educativos nos quais a música é entendida como um processo contínuo de construção que envolve perceber, sentir, experimentar, imitar, criar e refletir.

Assim como a música, os desenhos, a dança, as diversas formas de expressão corporal, são importantes para fazerem parte de um ambiente organizado em torno das possibilidades expressivas da criança. Um dos pontos fundamentais na aprendizagem da criança pequena diz respeito à sua definição sobre o que sente, se é dor, tristeza, alegria, saudade, compaixão. Formas de expressão que podem ajudar a criança a desenvolver possibilidades de conviver com diferenças e abrir suas possibilidades de comunicação são sempre interessantes e um ótimo meio para o educador interessado em perceber uma criança completa, sem as idealizações comuns na pedagogia ou psicologia.

Maria Isabel Leite (1998, p. 134), referindo-se ao papel da arte e do desenho na Educação Infantil, afirma que:

Nas sociedades contemporâneas, no contexto de um mundo que se pretende homogêneo e linear, a função primordial da obra de arte é quebrar essa linearidade – criar o estado de choque, de espanto, de inquietação. É desmanchar a estrutura preconcebida para que ela possa se reestruturar de uma outra forma, gerar um processo de estranhamento na percepção – isto é, ir além da vida cotidiana [que leva à subutilização da percepção] e passar a desfamiliarizar o mundo – criar um problema para a percepção, fazendo-a dar conta de um objeto que sai de suas formas ou conteúdos habituais.

A arte, portanto, possibilita à pessoa explorar o pensamento divergente, buscar novas soluções e propostas alternativas, criando um percurso no qual se pode investigar, criar e exprimir múltiplas formas de comunicação (LOPES,1998, p. 84). Neste sentido, até mesmo o trabalho com a diferença entre as pessoas em suas várias maneiras de ver o mundo pode ser contemplado a partir do trabalho com a arte. Na música, isso pode aparecer sob a forma de alternativas sonoras, de sons e canções que fogem à escuta usual da criança. É importante chamar a atenção para a diferença entre o processo de contato do adulto com a diferença e o novo, neste caso, sempre revestido de ansiedade e receio, e o da criança, muito mais plástica, tanto em seu interesse, como em sua elaboração dos novos conteúdos. O choque, o espanto, e a inquietação na criança pequena são sempre notórios, efusivos, compartilhados com seu grupo.

Ainda em relação à percepção da criança pequena no contato desta com a arte, Almeida (2001) aponta como fundamental “o desenvolvimento de uma forma especial de se relacionar com o mundo”, naquilo que ela chama de atitude estética, relativa a uma atenção da criança ao que a cerca: formas, cores, linhas e espaços, palavras e sons, gestos e movimentos, explorando esses elementos em suas atividades. A percepção da criança mostraria, então, não apenas as relações formais entre esses elementos, mas a expressão, o sentimento que eles podem transmitir.

Esta necessidade da educação tem relação direta com a possibilidade de se abrir espaço para ouvir a criança, deixá-la expressar o que sente, como pensa a sua pré-escola: se gosta do espaço da instituição, como lida com o seu cotidiano, ou como se ressentido do contato maior com flores, plantas e animais (OLIVEIRA, 2001). Esta seria uma forma importante de se estender o olhar do pesquisador para além do brincar, colocando em evidência outras formas de expressão da criança, incluindo a oral.

O ensino de música e artes na Educação Infantil ajuda a criança a expressar o que sente, a viver e lidar com suas questões individuais e em grupo, algo que vai muito além da técnica e do aprendizado instrumental. A abertura necessária da Educação Infantil para a cultura da criança nos mostra uma valorização da criança no próprio processo educativo, voltando o pesquisador (e o professor) para um trabalho que considera a criança como centro. Isso porque a prática atual da Educação Infantil mostra uma discrepância entre o “proposto” e “vivido” pela criança (BATISTA, 2001), sendo comum encontrar pesquisadores que, ao se voltarem para investigar o cotidiano na Educação Infantil, se deparam com situações inesperadas, uma vez que há uma série de idéias pré-concebidas que ele leva ao seu campo de investigação. De acordo com Batista (2001), sua perplexidade se deu diante da possibilidade da criança pequena contribuir com a própria proposta pedagógica da pré-escola. Para ela, a rotina também educa, e é constituída também pela ação infantil em conjunto com o adulto.

Seria interessante, para o educador, procurar unir as reflexões a respeito da Educação Infantil e infância e educação musical, de forma a estabelecer uma interface que propicie um desenvolvimento de uma compreensão maior na questão da formação infantil. Talvez assim pudéssemos nos aproximar de uma criança completa, sem os fracionamentos reproduzidos⁴ nas discussões acadêmicas e na mídia,

⁴ Reprodução que parte de um contexto muito maior, da própria concepção iluminista de criança e educação. A separação entre os mundos do adulto e da criança, e a percepção desta como “um outro distinto”. A respeito disso, ver Cynthia Greive Veiga, 2004.

nas quais geralmente algum aspecto vem tentar defini-la. Então temos, por vezes, uma criança corporal, uma criança que brinca, uma criança com dificuldades de aprendizagem, uma criança consumidora. Os rótulos são muitos, e em geral não contemplam aspectos que não estão ligados a uma certa concepção de infância. São poucos os textos que apontam para algo que vá além da visão alegre de criança, daquela pronta para a diversão, sem malícia, que vive a melhor parte de sua vida. A criança, na verdade, ultrapassa esta visão onírica do adulto (ROCHA, 1999). Ela também possui lembranças, medos, frustrações, assim como os adultos.

O reconhecimento de aspectos da infância que ultrapassem esta visão construída, idealizada da infância, é um objetivo a ser perseguido por quem educa crianças. Na educação, a criança vista em sua diferença em relação ao adulto, como um contraponto importante no qual a sua “inabilidade, desorientação, falta de desenvoltura” podem mostrar aspectos que o mundo adulto já não percebe em sua visão econômica, ajustada na busca pela razão e pela soberania (GAGNEBIN, 1997).

O mundo adulto visto como um valor que deve rebaixar a infância é algo que torna as crianças incapazes. Daí a surpresa freqüente dos adultos diante de algum comentário sagaz das crianças frente a um assunto que se imagina fora de seu campo de compreensão. Propostas pedagógicas que trazem como mote a escuta de culturas, falas, modos diferentes de se viver, pensar e falar, podem abrir espaço tanto para os adultos como para as crianças, no sentido de deixá-las mais abertas e sensíveis para o outro.

Ainda que a produção acadêmica tente contemplar o universo infantil, com suas diversas características, falta muito a ser dito a respeito da criança que vive em nossa sociedade. Crianças indígenas no interior do Pará, trabalhadores de cana no interior de São Paulo, filhos de posseiros no Maranhão, ou colonos do Mato Grosso, cada qual com suas infâncias relatadas em estudos pioneiros como os publicados por José de Souza Martins (1991), procurando ultrapassar o padrão criança-escola, criança da classe média urbana.

Mesmo nos casos em que se trata de crianças como essas, existem alguns mitos conservados pela escola, como a despreocupação e o alheamento da criança diante dos problemas que cercam o seu mundo. Algumas delas expressam preocupações concretas com a fome dos mais pobres, o ambiente, o preço dos alimentos, ou a saúde de seus pais. Para a escola, parece que os sentimentos que a criança tem, o seu choro ou tristeza em determinados momentos, quer tenham ou não uma razão justificada (a mãe que se atrasou, o pai que não lhe dá atenção...) podem ser tomados como comportamento patológico. Então, da mesma forma que a aparência dos escolares parece ter que seguir um padrão (roupas, calçados, enfeites para os cabelos), seu comportamento também deve seguir uma rotina dentro da escola. Neste processo de cerceamento, pouco pode se ver de uma cultura infantil⁵ que não se atenha apenas no modelo contemporâneo de infância.

Isso faz parte de uma forma de pensar a criança, de uma concepção determinada sobre o que elas sentem, pensam, ou como se desenvolvem. De acordo com Cynthia Greive Veiga (2004, p. 74), “o entendimento das especificidades e características individuais das crianças que as fazem diferentes umas das outras” foi fundamental para a infância se tornar um período homogêneo e universal. Então, a partir desta organização, todas as crianças devem se integrar a um padrão: o padrão da infância feliz, período que antecede a fase da adolescência e fase adulta, estas sim, repletas de confrontos com a realidade, estas sim, reais. Em geral, pertence à filosofia e à sociologia o encargo de levantar a reflexão sobre o quanto a infância pode ser diferente daquilo que está escrito e aceito como normal. A Escola de Frankfurt, especialmente com Walter Benjamin, sempre nos alertam para a condição de entendimento da realidade por parte da criança.

⁵ Nos moldes que Steinberg e Kincheloe (2001) discutem em sua obra.

Considerações finais

O objetivo deste texto foi apresentar algumas questões sobre a Educação Infantil a partir de alguns trabalhos sobre música e artes. Por trás da discussão dos autores, pode ser compreendida a concepção de criança que orienta os argumentos a favor do trabalho com a arte na educação da criança pequena. A questão da concepção de infância que orienta um trabalho (seja ele de natureza acadêmica ou pedagógica) é fundamental para traçar os caminhos tomados nas ações para com as crianças em qualquer lugar do mundo.

Talvez este texto possa contribuir exatamente para aqueles profissionais ligados à Educação Infantil com alguma formação musical, ou artística em geral, no sentido de expor um pouco da reflexão em torno do assunto, e quem sabe, estimulá-los para um contato maior com a produção dos demais autores (daí a pretensão de fazer uma revisão da bibliografia na área de educação musical, artes e Educação Infantil).

Nem sempre é fácil arriscar falar sobre o que seria a função da arte na educação da criança pequena. Aparentemente, corre-se o risco de reduzi-la a alguma prática específica. Em geral, os autores com formação em artes possuem opinião contrária à idéia do uso da arte como decoração, ilustração e apoio a outras disciplinas. Quanto aos professores com formação pedagógica sem aprofundamento em artes, tendem a encarar a música e as artes cênicas como peças de apresentação das crianças em festinhas, e as artes plásticas como recurso decorativo. Nesta situação, os objetivos se perdem e a valorização de conteúdos formais, tão combatida na Educação de 0 a 6 anos, ganha corpo e corre o risco de desvirtuar um trabalho de educação cultural para a criança. Neste caso, vale a pena concordar com a necessidade de investimento na formação do profissional que vai atuar na área.

A escola, creche ou pré-escola, pode, tanto trazer para a criança experiências com um mundo cultural mais amplo, como pode trabalhar motivos regionais, folclóricos, mais específicos dos grupos que participam da instituição em questão. Ainda que o trabalho de conjugar

a passagem de uma cultura geral para uma cultura particular, específica de cada criança ou grupo, seja difícil, é algo necessário. Justifica-se pela possibilidade de se oferecer contato à criança pequena com o mundo da cultura musical e artística nacional ou mundial, sem esquecer a cultura popular, o folclore. A instituição pode mediar este contato, deixando à criança a opção de escolha sobre o que a agrada mais ouvir, ver ou usar.

Do ponto de vista da expressão, com o trabalho de arte na Educação Infantil, a criança pode escolher formas de “falar de si”, de exprimir sentimentos, esperanças, contrariedades. De mostrar como ela, criança, compreende o mundo. Sobretudo, a criança pode perceber que há outras formas de se mostrar ao mundo, utilizando outros recursos além da fala (esta sim, aprimorada nos adultos e crianças mais velhas, e dependente da experiência e da escolarização).

Se as artes são formas de expressão humanas, é necessário que as instituições educacionais se encarreguem de promover o contato da criança com estas formas de expressão, que, como a fala, podem ser aprendidas e aprimoradas a cargo da escola. Um passo importante para isso é considerar a criança como um sujeito cultural.

MUSIC AND INFANTILE CULTURE: A BRIEF BIBLIOGRAPHY REVIEW FOR CHILD EDUCATION

Abstract: This paper tries to discuss questions related to the teaching of arts, music and Child Education, as well as the understanding of Child Education, based on some reflections about the practice of teaching arts for small children. The objective of the paper was to organize arguments that enforce the necessity to invest on the general formation of small children, considering the contribution of the arts for pre-school children.

Keywords: Child Education. Pedagogical Practices. Arts. Music Education. Infantile Culture

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. Concepções e práticas artísticas na escola. In: FERREIRA, Sueli. (Org.) **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas: Papirus, 2001. p. 11-38.

ANDRÉ, Marli Eliza de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

BATISTA, Rosa. A rotina no dia a dia da creche: entre o proposto e o vivido. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 24., 2001. Caxambu, MG. **Anais...** Caxambu, MG: Anped, GT7, 2001.

BAZÍLIO, Luiz Cavaliere; KRAMER, Sônia. **Infância, educação e direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2003.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança**. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2003.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Sociedade, cotidiano escolar e cultura(s): uma aproximação. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano 23, n. 79, ago. 2002.

DERMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Infância, pesquisa e relatos orais. In: FARIA, Ana Lucia Goulart; DERMARTINI, Zeila de Brito; PRADO, Patrícia Dias. (Org.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas: Autores Associados, 2002.

DIAZ, Maravilla. **Estimulación de la creatividad en la educación musical**. In: _____. *La educación artística, clave para el desarrollo de la creatividad*. Madrid: Secretaria General Técnica, 2001. p. 77-94.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

HASSE, Simone Hedwig. **A formação docente para a educação da criança de zero a seis anos a partir da análise dos trabalhos apresentados na ANPED (1996 a 2001)**. 2004. 234 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2004.

ILARI, Beatriz; MAJLIS, P. Children's songs around the world: an interview with Francis Corpataux. **Music Education International (ISME)**, n. 1, p. 1-14, 2002.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Sala de aula nas escolas infantis e o uso de brinquedos e materiais pedagógicos. In: REUNIÃO ANUAL

DA ANPED, 23., 2000, Caxambu, MG. **Anais...** Caxambu, MG: Anped, 2000.

LEITE, Maria Isabel Pereira. Desenho infantil: questões e práticas polêmicas. In: KRAMER, Sônia; LEITE, Maria Isabel. (Org.). **Infância e produção cultural**. Campinas: Papirus, 1998. p. 131-150.

LOPES, Ana Elisabete. Foto-grafias: as artes plásticas no contexto da escola especial. In: KRAMER, Sônia; LEITE, Maria Isabel. (Org.). **Infância e produção cultural**. Campinas: Papirus, 1998. p. 75-107.

KUHLMANN JR., Moysés; FERNANDES, Rogério. Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes. (Org.). **A infância e sua educação** – materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAFFIOLETTI, Leda. Musicalidade humana: aquela que todos podem ter. ENCONTRO REGIONAL DA ABEM SUL. EDUCAÇÃO MUSICAL HOJE: MÚLTIPLOS ESPAÇOS, NOVAS DEMANDAS PROFISSIONAIS, 4., 2001, Santa Maria, RS. **Anais...** Santa Maria, RS: Abem Sul, 2001.

MARTINS, José de Souza (Coord.). **O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1991.

NOGUEIRA, Monique Audries. Brincadeiras tradicionais musicais: análise do repertório recomendado pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/MEC. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23., 2000, Caxambu, MG. **Anais...** Caxambu, MG: Anped, 2000.

OLIVEIRA, Alessandra Mara Rotta de. Com olhos de criança: o que elas falam, sentem e desenharam sobre sua infância no interior da creche. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 24., 2001. Caxambu, MG. **Anais...** Caxambu, MG: Anped, GT7, 2001.

PENNA, Maura. A orientação geral para a área de arte e sua viabilidade. In: PENNA, Maura. (Coord.). **É este o ensino de arte que queremos?** Uma análise das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais. João Pessoa: Editora Universitária, 2001. p. 31-55.

PONTES, Gilvânia Maurício; PERNAMBUCO, Marta Maria Castanho Almeida. Arte presente na construção do projeto pedagógico: um relato

de caso. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23., 2000, Caxambu, MG. **Anais...** Caxambu, MG: Anped, 2000.

QUINTEIRO, Jucirema. Infância e educação no Brasil: um campo de estudos em construção. In: FARIA, Ana Lucia Goulart; DERMARTINI, Zeila de Brito; PRADO, Patrícia Dias. (Org.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças.** Campinas: Autores Associados, 2002.

ROCHA, Eloísa. **A pesquisa em educação infantil no Brasil:** trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma pedagogia da educação infantil. Santa Catarina: NUP, 1999.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe L. **Cultura infantil:** a construção corporativa da infância. Tradução de George Eduardo Japiassu Bricio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

STRAZZACAPPA, Márcia. Dançando na chuva e no chão de cimento. In: FERREIRA, Sueli. (Org.). **O ensino das artes - construindo caminhos.** Campinas: Papyrus, 2001. p. 39-78.

VEIGA, Cynthia Greive. Infância e modernidade: ações, saberes e sujeitos. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). **A infância e sua educação: materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil).** Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 35-82.